



# PARALAPRACÃ



Os Cadernos de Experiências são materiais pedagógicos do programa Paralapracá destinados a profissionais que trabalham na Educação Infantil. Eles fazem parte da Coleção Paralapracá. Cada caderno aborda um eixo formativo – assim como a série de vídeos que também compõe a coleção – e visa apoiar os educadores na sua prática.

Este material foi elaborado a partir dos registros de professores e coordenadores pedagógicos, compilados durante a primeira edição do Paralapracá, que aconteceu entre 2010 e 2012, nos municípios de Feira de Santana · BA, Jaboatão dos Guararapes · PE, Campina Grande · PB, Teresina · PI e Caucaia · CE. Nas próximas páginas, há uma série de experiências vivenciadas pelos profissionais, crianças e seus familiares e comentadas por especialistas na área, a fim de explicitar questões teóricas, validar, problematizar e sugerir novas práticas pedagógicas a partir do que foi realizado.



DICAS



SAIBA MAIS



EDUCADOR



ESPECIALISTA

**PARALAPRACĂ**



O Caderno de Experiências *Assim se Faz Arte* é uma publicação do programa Paralapracá. O programa é uma frente de formação de profissionais da Educação Infantil criada em 2009, por meio de uma parceria entre a Avante – Educação e Mobilização Social e o Instituto C&A.

O Paralapracá foi implementado em diversos municípios e teve sua eficácia reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC) em 2015, quando passou a integrar o Guia de Tecnologias Educacionais do MEC. O programa é uma metodologia da Avante, passível de ser implantada em regime de parceria em qualquer localidade brasileira.

Esta publicação faz parte da Coleção Paralapracá e está licenciada sob a Licença Creative Commons Atribuição Internacional 4.0 (CC BY 4.0). Para ver uma cópia desta licença, visite <[https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)> ou envie uma carta para Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA, 94042, Estados Unidos.

**Realização**

Avante – Educação e Mobilização Social  
Instituto C&A

**Leitura crítica**

Luciana Dias  
Maria Thereza Marcilio

**Concepção**

Avante – Educação e Mobilização Social

**Revisão de estilística**

Clarissa Bittencourt de Pinho e Braga

**Equipe de elaboração da Coleção Paralapracá**

**Atualização de conteúdos da 2ª edição**  
Mônica Martins Samia

**Coordenação editorial**

Mônica Martins Samia

**Revisão técnica da 2ª edição**

Janine Schultz

**Autoria**

Ana Luíza Lopes Brito

**Produção editorial da 2ª edição**

Sandra Mara Costa

**Coleta de experiências pedagógicas**

Maria Aparecida Freire de Oliveira Couto  
Fabíola Margeritha Bastos  
Janaina G. Viana de Souza  
Iany Bessa  
Lilian Galvão

**Revisão ortográfica**

Mauro de Barros

**Projeto gráfico, editoração e ilustrações**

Santo Design

**Seleção de experiências pedagógicas**

Milla Alves  
Mônica Martins Samia



# Sumário

Apresentação	7
Assim se faz arte	9
Dialogando com as práticas	11
Práticas comentadas	27



# Apresentação

A palavra “assim” pode indicar as diversas possibilidades de se fazer algo, a depender do contexto que este “algo” acontece e das pessoas que dele participam. No Paralapraca, “assim” representa a diversidade de fazeres e saberes encontrados nas mais de cem instituições de Educação Infantil que participaram da primeira edição deste programa de formação. O objetivo dos Cadernos de Experiências do Paralapraca é compartilhar as práticas vivenciadas e também realizar um diálogo entre teoria e prática, com vistas a se constituir em um material formativo.

A primeira edição do Paralapraca transcorreu entre os anos de 2010 e 2012 e trouxe uma proposta de formação continuada para profissionais da Educação Infantil tendo como base seis eixos formativos relevantes no currículo deste segmento: *Assim se Brinca*, *Assim se Faz Arte*, *Assim se Faz Música*, *Assim se Faz Literatura*, *Assim se Explora o Mundo* e *Assim se Organiza o Ambiente*. A iniciativa foi implementada em instituições de Educação Infantil de cinco municípios de diferentes Estados da região Nordeste do Brasil:

- Campina Grande • PB;
- Caucaia • CE;
- Feira de Santana • BA;
- Jaboatão dos Guararapes • PE;
- Teresina • PI.

A formação continuada provida pela ONG Avante – Educação e Mobilização Social, parceira do Instituto C&A na criação do Paralapraca, bem como o acompanhamento do trabalho das instituições de Educação Infantil que participaram da iniciativa, permitiu o registro e a sistematização de

suas práticas pedagógicas e produções culturais. Parte das experiências retratadas pelos profissionais foi, então, transformada nesta nova série de cadernos.

Os caminhos percorridos e registrados revelaram as mudanças ocorridas, os resultados e a reflexão sobre as práticas e as concepções de infância e de Educação Infantil que, por sua vez, foram sendo revisitadas, problematizadas e reconstruídas no percurso. Os registros indicam um caminho trilhado, não um ponto de chegada. Foi muito importante documentar este processo formativo para aqueles que dele participaram. Por meio desse recurso, tem-se a oportunidade de ajudar outros interlocutores a vislumbrar e a pensar sobre novas possibilidades e novos percursos.

É possível que, ao degustar o material, se identifiquem distâncias entre o dito e o vivido, o teorizado e a prática, o desejado e o realizado. No Paralapraca, assumimos que essas distâncias são parte inerente do processo e as consideramos provocativas. Nós esperamos que elas fomentem um ambiente reflexivo, assim como o olhar criterioso e diverso na busca de práticas pedagógicas mais coerentes, conscientes e possíveis.

Apresentamos os seis eixos formativos em separado nos Cadernos de Experiências, mas como linguagens e elementos curriculares eles se integram, e isso é explicitado muitas vezes nos registros. Este é um alerta necessário para manter os profissionais atentos ao enfoque integrado que deve caracterizar o currículo da Educação Infantil.

Esperamos que, acima de tudo, esta publicação seja capaz de apontar caminhos possíveis para outros educadores e que estes possam se inspirar e conhecer um pouco da trajetória daqueles que escreveram a história do Paralapraca em sua primeira edição. Ela expressa os valores e o reconhecimento da Avante e do Instituto C&A de todo esse processo de reflexão e transformação pelas quais diversas redes municipais de educação e seus profissionais passaram no decorrer da formação.

# Assim se faz arte

Toda obra de arte é filha do seu tempo e, muitas vezes, a mãe dos nossos sentimentos.

KANDINSKY



Vivemos em um mundo rico de informações visuais que provocam reações diversas, capturam o nosso olhar e nos tornam mais humanos, revelando a nossa capacidade de questionar, levantar hipóteses, duvidar e buscar sentido. Estas imagens fazem parte de um processo de criação humana que comunica ideias e percepções sobre a realidade vivida, passada ou imaginada: elas são objetos artísticos. Ao entrar em contato com essas criações, participamos de um diálogo que nos remete ao universo das artes visuais, nas quais as ideias ganham visibilidade por meio de uma gramática visual em que elementos como o ponto, a linha, a cor, a forma, entre outros, compõem histórias particulares e coletivas.

Trazer esse universo para a Educação Infantil é oferecer às crianças processos construtivos em relação a essa linguagem artística, como também possibilitar o espaço-tempo necessário à imaginação e à criação. Através de explorações, experimentações e transformações, favorecemos as conexões entre sentir, pensar e fazer, bem como o exercício das funções simbólicas, aspectos fundamentais em todo processo de significação.

Esta publicação traz registros de experiências relacionadas às três ações que medeiam o aprendizado das artes visuais: o apreciar, o fazer e o refletir (contextualizar). Veremos uma transformação de olhares e novas percepções sobre esta linguagem no cotidiano da Educação Infantil das instituições que participaram

do Paralapraca. É o que os registros abaixo revelam:

A discussão do eixo *Assim se Faz Arte* possibilitou um novo olhar sobre o ensino das artes. Reconhecemos que a arte não se restringe ao desenho no papel, dando um perfil recreativo; que a apreciação vai além de uma simples leitura de imagem para reprodução, mas deve ser entendida como uma linguagem necessária ao desenvolvimento cognitivo, emocional, criativo e cultural.

DENISE MOREIRA, PROFESSORA DA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO SERAFIM DE LIMA, FEIRA DE SANTANA · BA

Nesse movimento, a coordenadora Lucimary do Nascimento, da Creche Galdina Barbosa Silveira, de Campina Grande · PB, relata:

O eixo *Assim se Faz Arte* tem como objetivo ampliar a compreensão dos professores sobre o processo criativo, para que construam experiências relacionadas ao fazer artístico junto às crianças.

Novos modos de ver, novas possibilidades no fazer: andanças, mudanças e criações. Os relatos de experiências apresentados a seguir trazem novas ações a partir de ressignificações em relação à arte na Educação Infantil.

# Dialogando com as práticas

## O desenho infantil



O desenho é uma técnica artística explorada por crianças e adultos, que está presente em nossas vidas em diferentes situações e com variadas funções. Nós desenhamos para comunicar, para registrar, para mostrar ideias, ou simplesmente pelo prazer da ação de desenhar. A criança, a princípio, produz garatujas, os primeiros signos expressivos que nos mostram sua conexão com o seu entorno, produções nas quais o seu gesto entra em contato com materiais gráficos. A partir dessa experiência, inicia-se um percurso de experimentações, com materiais diversos sendo testados em diferentes suportes<sup>1</sup>. Como podemos esquecer tantas paredes garatujadas com hidrográfica, lápis ou giz de cera?

Vale lembrar que deixar marcas é afirmar a sua existência. A partir da repetição dos registros gráficos a criança começa a perceber os limites do espaço dos suportes utilizados, organizando-se em relação a esses. À medida que exercita o ato de riscar, a intencionalidade do gesto é construída, produzindo assim linhas mais precisas — neste processo a criança se reconhece como autora das suas marcas.

O dinamismo, a flexibilidade e a transitoriedade do movimento se manifestam na pontinha do lápis, transformando a criança num sujeito criador, que se projeta na sua obra. No ato de desenhar, a criança é o papel, o lápis, a linha,

1. O suporte é a base dos registros plásticos (papel, papelão, madeira, parede, chão, tecido, entre outros). Ele poderá variar quanto ao volume (bidimensional ou tridimensional), bem como na textura (áspero, rugoso, liso).



o objeto, a pontinha que toca e mergulha nesse universo anímico e mutante. Desenhar concretiza material e visivelmente a experiência de existir.

DERDYK, 2010, P. 63

É o que nos conta Denise Moreira, professora de crianças de 3 anos:

## Criança: sujeito criador!

Numa sala de crianças de 3 anos, onde muitos não valorizam os rabiscos e garatujas, contemplamos lindas construções como a de Maria Eduarda, que procurou fazer um desenho com formas bem definidas e utilizou uma variedade de cores. Durante a reflexão disse que desenhar é bom, que a deixa feliz, e intitolou a sua obra de *Meu Jardim*, remetendo as apreciações de imagens das obras de Claude Monet e Romero Brito ao seu desenho. (...) Cabe a nós, professores de Educação Infantil, não fragmentar as linguagens que favorecem o desenvolvimento integral da criança, mas oferecer um ambiente que estimule a criação, a expressão, a exploração e o uso de todas as possibilidades, que propicie o desenvolvimento do processo criativo da criança.

DENISE MOREIRA, FEIRA DE SANTANA · BA



Explorar essa técnica na Educação Infantil é favorecer possibilidades expressivas às crianças, onde cada uma poderá representar em imagens suas percepções e ideias acerca do seu conhecimento de mundo, explorando elementos visuais como a linha e a textura. ★

Falar sobre exploração de materiais significa pensar em diversidade, experimentação e, por fim, pesquisa. Estes são pontos importantes para a realização de experiências ligadas às artes visuais.

Atualmente os artistas misturam, reaproveitam e se apropriam, seja

- ★ Planeje momentos da exploração do desenho para o seu grupo: poderá ser livre, com interferência, de observação (desenhar a partir da observação de uma imagem), colorido, com apenas uma cor; ofereça para as crianças carvão, giz de cera, lápis de cor, lápis grafite, giz molhado. O livro *As 300 Propostas de Artes Visuais* tem muitas ideias para realizar essa exploração. Mas lembre-se de que cada faixa etária tem a sua especificidade e precisa de desafios diferentes. E não deixe de desenhar também!



de materiais, suportes ou ideias. Esse caminho criador nos mostra um constante exercício de transformação, ação presente na obra artística. Ao organizarmos experiências plásticas, contextualizadas, com variados materiais e suportes, estaremos favorecendo um espaço desafiador para que aconteçam novas descobertas, que deverão se conectar com os conhecimentos prévios das crianças, promovendo assim um novo conhecimento consciente.

Então, vamos pensar: como seria possível organizar uma experiência plástica com seu grupo, considerando a exploração de diferentes materiais? Que tipo de materiais você selecionaria tendo em vista o interesse e a participação das crianças? Que tal realizar uma pesquisa de materiais não convencionais (objetos de uso do cotidiano, escovas, tampas, caixas, cordão, entre outros) que poderão enriquecer as experiências plásticas?

Vejamos o que foi realizado pelas professoras Lúcia Cláudia da Silva e Maria Edilma de Souza, que atuam com crianças de 3 anos na Creche Municipal Karine da Silva:

Levamos para a sala de aula vários tipos de flores e folhas naturais, as crianças sentiram as texturas, observaram os tamanhos, as formas, entre outras coisas. Em seguida, pintamos as folhas, as quais foram transformadas em carimbos. Nos surpreendemos no decorrer de todo o trabalho. Pudemos constatar o entusiasmo das crianças ao manusearem as folhas, o encantamento ao descobrirem as cores e suas misturas.

LÚCIA CLÁUDIA DA SILVA E MARIA EDILMA DE SOUZA,  
CAMPINA GRANDE · PB



Alguns outros materiais promovem ricas investigações: a manipulação de caixas, por exemplo, sugere a exploração do espaço tridimensional. Pequenas vasilhas, bem como tampas, podem ser interessantes carimbos; palitos e tecidos, além de mostrar texturas diferenciadas, servem como pincéis. Para que essas investigações se transformem em conhecimento, deveremos criar um percurso embasado em um planejamento prévio, como aconteceu na Creche Karine Silva, em Campina Grande · PB, conforme a experiência relatada acima pelas professoras Lúcia Cláudia e Ma-



ACERVO PARALAPRACA





ria Edilma. Nesta, a exploração dos materiais naturais (flores e folhas) partiu de um projeto relacionado a um artista — Volpi. Voltaremos a este artista e suas ricas obras quando falarmos sobre as temáticas.

A exploração de materiais diversos não consiste somente em pesquisar e encontrar novos materiais que promovam o desafio de transformar, marcar, grafar. Alguns materiais convencionais oferecem um amplo campo exploratório, possibilitando novas descobertas a partir de diferentes procedimentos ligados a ele. Vejamos o que foi experimentado e registrado em Jaboa-  
tão dos Guararapes:



Partimos do princípio de que a faixa etária precisava de algo lúdico, prazeroso e que pudes-  
se sair das produções planas que já são corriqueiras. Então, sugerimos trabalhar a argila, pois poderíamos explorar as três dimensões no ato da produção, como também a pre-  
ensão, a textura, a temperatura, o contato com elementos da natureza, enfim seria de muito proveito para os pequeninos. ✎

CLEIDE QUEIRÓS CAVALCANTE, APOIO  
PEDAGÓGICO, CRECHE MARCOS FREIRE,  
JABOATÃO DOS GUARARAPES · PE

★ Selecione você também um material de uso convencional para explorá-lo com o seu grupo. Pode ser um giz de cera, ou o lápis gra-  
fite. Pesquise as suas características, as suas possibilidades expressivas e planeje experi-  
ências desafiadoras para que essa exploração seja interessante. Se a experiência da creche Marcos Freire lhe trouxe curiosidade, explo-  
re a argila.

🔍 (...) a obra de arte é *linguagem*, uma produ-  
ção humana que transmite ideias e estimu-  
la sentimentos. O contato do olho do leitor com a obra de arte gera significações e pro-  
move a construção de conhecimentos, pois envolve associações que vão compondo o repertório de cada um, em relação ao mun-  
do da arte. A experiência do fazer artístico, mesmo sem a intenção de se tornar um ar-  
tista, possibilita a vivência de um processo criativo em suas etapas de produção. Isto, sem dúvida, também nos aproxima signifi-  
cativamente da arte.

BUORO, 2002



As experiências do eixo *Assim se Faz Arte* nos remetem às ações do apreciar, do fazer e da contextualização que possibilitam um diálogo com a criação artística. Quando entramos em contato com o objeto artístico, nos deparamos com esse processo de aprendizagem. A cada imagem apreciada, questões são levantadas, hipóteses são comparti-  
lhadas e caminhos são abertos. ✎

Durante esse processo, e para favorecer uma aprendizagem co-  
erente, torna-se necessário apre-  
sentar diferentes referências liga-  
das ao eixo *Assim se Faz Arte*. Para



isso, é possível explorar as obras de um único artista como base para as experiências plásticas ou selecionar títulos que abordem situações ligadas à rotina das crianças, tais como: a moradia na arte, a arte e a natureza, a brincadeira na arte, os animais na arte, entre outros, utilizando obras de diferentes artistas que exploraram o mesmo tema.

A partir das temáticas podemos perceber, na diversidade das produções, histórias, costumes, a diversidade cultural, além de revelar os muitos caminhos encontrados pelos artistas para expressar ideias dentro da exploração dos elementos das artes visuais, bem como dos materiais e suportes.

Com tantas criações relacionadas às artes visuais, por que nos prendermos apenas a uma referência? Ofereça às crianças diversas visões acerca de um mesmo tema. Isso enriquecerá a experiência plástica, favorecendo diferentes caminhos dentro do processo criador e ainda fugiremos dos perigos dos estereótipos. Afinal, como diz Stela Barbieri no vídeo *Assim se Faz Arte*, da Coleção Paralapraca:

A aprendizagem é como um pêndulo que você traz o que está fora para dentro de você. Aí você transforma, e quando traz para o mundo já é outra coisa. Esses pêndulos estão acontecendo o tempo inteiro nas crianças. Elas vão entrando em contato com as coisas, tendo experiências, e vão transformando aquelas experiências em uma experiência sua, pelo seu ponto de vista, pelo seu jeito de se aproximar, e quando ela traz isso para o mundo já é de um outro jeito.

STELA BARBIERI

Vejamos o que nos contam as professoras de uma instituição de Campina Grande:



Logo após ser definida a proposta de estudarmos a vida e a obra do artista Alfredo Volpi, procuramos associar suas experiências à nossa realidade sociocultural. No início, ficamos um pouco apreensivas em como desenvolver o projeto junto às crianças. Mas, ao conhecermos suas obras, concluímos que seria totalmente acessível à faixa etária do nosso grupo de crianças, já que estas mostram um contexto conhecido do



universo infantil: bandeiras, barcos e muita cor.

CRISTINA SOUZA E RUTE ANDRADE BARROS, PROFESSORAS DOS GRUPOS DE CRIANÇAS DE 3 ANOS DA CRECHE MUNICIPAL KARINE DA SILVA, CAMPINA GRANDE · PB



Ao pensarmos em propostas que possibilitem um aprendizado coerente para as crianças, nos deparamos com um diálogo entre o que já conhecemos, o que não sabemos e o que gostaríamos de saber. Pensando assim, uma boa estratégia é promover a aproximação com temáticas que trazem elementos próximos ao universo infantil.

Tendo em vista a importância da temática para o desenvolvimento de experiências plásticas, os artistas que trazem elementos culturais que retratam a localidade e os artistas regionais se mostram como ricas referências para um processo de conhecimento em artes visuais, pois a partir dessas criações as crianças poderão reconhecer elementos culturais constituintes da sua própria história. É uma conexão entre o que se vê na instituição de Educação Infantil com a sua história, sua cultura.



As bandeirinhas são elementos marcantes na obra de Volpi. O São João de Campina Grande é conhecido internacionalmente, ou seja, traço marcante da nossa cidade. A junção desses dois aspectos proporcionou um encontro entre a cultura popular e a arte moderna. A cantiga de roda *Viva São João* e a catação de palha de coco-catulé se tornaram sensibilizadores para enriquecer a experiência plástica em que as crianças reproduziram a obra *Bandeirinhas*, de Volpi.

PROFESSORAS DA CRECHE MUNICIPAL KARINE DA SILVA, CAMPINA GRANDE · PB



No nosso entender, o ensino da arte deve se caracterizar por uma educação predominantemente estética, em que os padrões culturais e estéticos da comunidade e da família sejam respeitados e inseridos na educação, aceitos como códigos básicos a partir dos quais se deve construir a compreensão e imersão em outros códigos culturais. Trabalhar com a multiculturalidade no ensino da arte supõe ampliar o conceito de arte, de um sentido mais restrito e excludente para um sentido mais amplo, de experiência estética. Somente desta forma é possível combater os conceitos de arte oriundos da visão das artes visuais como “belas artes”, “arte erudita” ou “arte maior”, em contraposição à ideia de “artes menores” ou “artes populares”.

RICHTER, 2002, P. 91



Nesta perspectiva, apresentar a arte dos artistas regionais para as crianças é favorecer a ampliação do conhecimento acerca do universo cultural ao qual pertencem, bem como a valorização de seus contex-

tos mais amplos de vida. Em sintonia com este assunto, vejamos o que nos contam estes registros vindos de Jaboatão dos Guararapes:

Uma professora falou sobre Marcos da Luz, o Luzarcus, residente no Cabo de Santo Agostinho · PE. Conversamos por telefone com ele, e o mesmo nos orientou na pesquisa sobre seu trabalho na internet. Depois houve um encontro na SEE, no Departamento de Educação Infantil, com as supervisoras do projeto. Nesse dia soubemos mais sobre as suas criações, o material que ele utiliza (a argila) e a temática, essa, na opinião dele, inacessível para a faixa etária que trabalhamos. Explicou que nunca trabalhou com esse público. Propusemos então que ele nos visitasse, fizesse uma oficina com os pequenos e explorasse uma temática ligada ao livro *O que há no mar*, uma vez que as crianças amam este livro. Ele concordou com o tema e então acertamos a data da visita.

Depois da visita, era hora de nos prepararmos para a mostra. Muita ansiedade pairava sobre nós, mas tínhamos que prosseguir, fizemos um cronograma e procuramos segui-lo. Algumas vezes o trabalho ficava isolado, era preciso recomeçar!

Sentimos dúvidas se realmente estávamos fazendo uma releitura, pois o artista não tem um acervo com esse tema. Como poderíamos fazer a releitura? Nos reunimos para ler um texto sobre “o que é uma releitura” e decidimos. O grupo decidiu seguir com a ideia de explorar o livro, justificando que a produção que Luzarcus fez no dia da visita seria a ligação entre o artista e o desenvolvimento do processo; além disso, estaríamos utilizando a mesma matéria-prima do artista, a argila.

Se para o artista o barro é uma forma de expressar sua crítica social, para as crianças é descoberta, é brincadeira, diversão, e o tema não poderia ser melhor, pois toda criança se relaciona muito bem com os animais. Então seria, sim, uma releitura.

As produções foram surgindo, e minhas preocupa-



ções também, sobre as intervenções das professoras no trabalho dos pequenos. Conversamos de sala em sala, entramos no acordo em que todas se comprometeram com a verdade na produção das crianças.

CLEIDE CAVALCANTE, PROFESSORA QUE ATUA NO APOIO PEDAGÓGICO DA CRECHE MARCOS FREIRE, EM JABOATÃO DOS GUARARAPES · PE



Na formação realizada na creche, dentre os artistas sugeridos, o escolhido foi Silvio Botelho — pai dos bonecos gigantes, morador da cidade de Olinda. O grupo de professoras o escolheu por ser um artista de Pernambuco, especificamente de Olinda. Além disso, tínhamos a possibilidade de estabelecer um contato mais próximo com o artista, bem como valorizar a arte pernambucana, mostrando o pai dos bonecos gigantes.

AMANDA SALES, COORDENADORA DA CRECHE MUNDO ENCANTADO, JABOATÃO DOS GUARARAPES · PE



Será que a função da apreciação das obras literárias pelas crianças é apenas a de produzir releituras? Acreditamos que esta é uma forma limitada de interagir com as obras de um artista ou de um conjunto deles. As crianças podem ir muito além, compreendendo como usam as cores, as linhas, que emoções provocam, o que difere cada artista. Enfim, a principal função da apreciação é ampliar o repertório das crianças, possibilitar a ampliação do seu potencial observador e estético.

Quando as crianças forem convidadas a fazer releituras, precisamos assegurar que, de fato, sejam uma nova leitura, a partir da percepção e da autoria de cada uma, buscando seus próprios traços e soluções. Que tal provocar as explorações de materiais, ou organizar momentos de criações livres a partir do processo criador de cada artista apreciado (como a modelagem em argila, a pintura em tela, a representação de uma dança ou brincadeira)? A criação de Silvio Botelho são os bonecos gigantes. Que tal também explorar outros bonecos da nossa cultura, os de argila, os feitos pelos índios, os de pano, os de palha, entre outros.

Quando falamos em liberdade e felicidade em educação, falamos em priorizar, na educação, a imaginação e a criatividade. A arte é um recurso fundamental para se atingir esse objetivo, pois, conforme diz Vygotsky, ela é a

“técnica das emoções”. Além de motivar a exposição das emoções, ela favorece a sensibilidade coletiva, a arte não é fechada em si mesma. Ela precisa ser compartilhada. A criação só se completa na recepção.

SAWAIA, 2003, P. 61

## As mostras de arte



Para que a experiência estética aconteça, é preciso que haja uma obra e um espectador. No momento em que uma criação artística é apreciada, se inicia outro processo de construção, um diálogo entre as ideias e intenções do criador e a recepção do espectador. Desse modo, as exposições ou mostras de arte fazem parte de um processo ligado à linguagem das artes visuais, pois não teremos arte se não houver quem a aprecie. A criação artística necessita de um público, de um apreciador, para se constituir como uma produção expressiva.

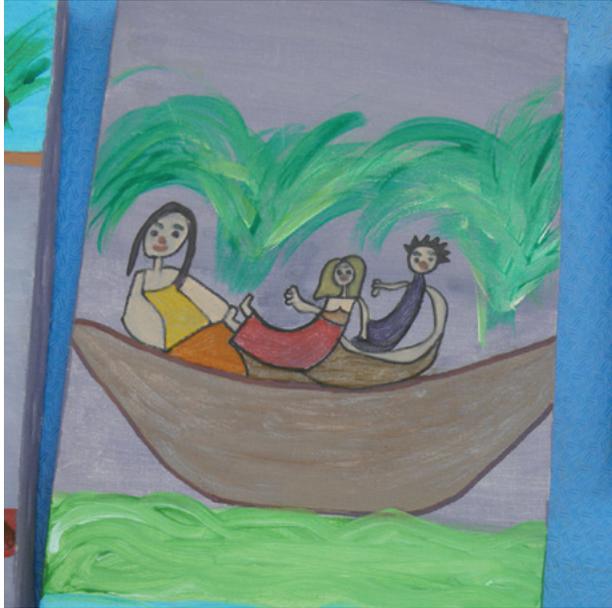
Dentro das experiências ligadas ao eixo *Assim se Faz Arte*, desenvolvidas em cada instituição de Educação Infantil, a Mostra de Arte é o momento em que cada criança se reconhece autora de um processo de criação, algumas ações são lembradas e os conhecimentos adquiridos compartilhados com a comunidade. Os depoimentos a seguir revelam o desenvolvimento desse processo:

A participação das crianças foi bem significativa na produção da Mostra de Arte. Mesmo sendo elas as autoras das imagens expostas, ficaram encantadas ao verem suas produções, algumas batiam no peito dizendo “fui eu que fiz, é meu!”. Essa experiência final elevou não só a autoestima da professora, mas também de todos os envolvidos no processo.

ZENAIDE B. SILVA, SUPERVISORA DA ESCOLA VALDEMIRO DE ALBUQUERQUE, JABOATÃO DOS GUARARAPES · PE



Todo o processo que envolveu a exposição de arte, desde a escolha do artista até o evento, foi muito significativo para as crianças. Durante todos os dias de preparação para a exposição, as crianças estavam entusiasmadas, curiosas e felizes por estarem socializando, produzindo

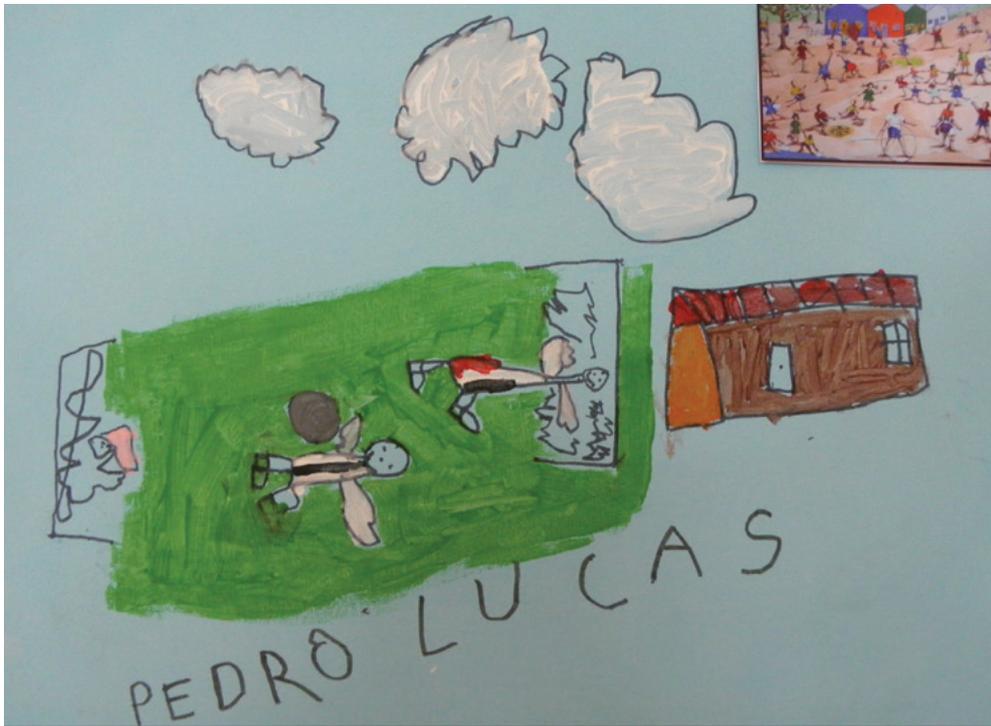


ACERVO PARALAPRACA





ACERVO PARALAPRACA



e vivenciando a arte. Diziam: “Tia eu também sou artista”.

A visita ao local da exposição foi muito importante para elas, pois puderam admirar também a produção das crianças de outras escolas e conhecer outros artistas. Também se sentiram orgulhosas em prestigiar suas produções e repassar para os visitantes o que aprenderam.

AMANDA THAIS, PROFESSORA DO GRUPO DE CRIANÇAS DE 1 ANO,  
DA ESCOLA LEUZA PEREIRA, JABOATÃO DOS GUARARAPES · PE

Chegou o momento de escolher uma das reproduções das crianças para levar à exposição da vila do artesão. Observando o interesse geral das crianças em participar (ou seja, cada uma queria ver sua obra exposta), optamos por construir um quadro usando todas as produções individuais. Construimos junto com elas um painel coletivo. Para finalizar o trabalho, fizemos uma visita à exposição realizada pelo Paralapraca. Ao chegarem lá, elas comentavam a todo momento sobre o pintor. Ao ser questionada por uma das organizadoras da exposição sobre o que veio fazer no local, uma das crianças falou: “Viemos ver Michelangelo”.

Já Natan, outra criança, disse: “Fomos nós que pintamos na creche”.

As crianças ficaram encantadas ao verem o painel coletivo com as suas produções que montaram na creche, ali exposto, *A criação de Adão*. Cada uma identificava sua pintura no quadro. Foi muito gratificante para nós, professores, ver o quanto nossas crianças são capazes de realizar experiências, desde que sejam desafiadas a explorar e experimentar.

REJANE RAPOSO, PROFESSORA DO GRUPO DE CRIANÇAS DE 5 ANOS  
DA CRECHE MUNICIPAL PASSINHA AGRA, CAMPINA GRANDE · PB



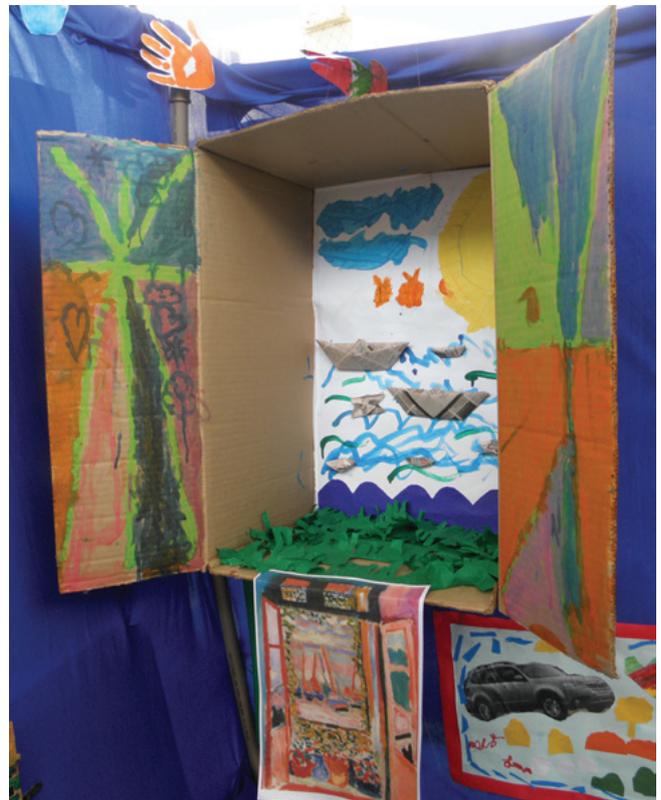
Cabe lembrar que esse momento da mostra a que se referiu a professora não deve ser o mais importante, não pode ser o mais importante dentro de um processo criador, e sim um meio para se compartilharem os recentes saberes adquiridos e para que cada criança reflita sobre o seu processo, relatando ao outro a sua caminhada até aquele momento. Logo, as produções devem mostrar uma característica mais au-



Visando tornar o contato com a obra artística mais acessível, os espaços expositores vêm investindo massivamente na montagem das exposições. Buscam meios onde o público se aproxime da obra e do artista, criando ambientes cenográficos que medeiam o diálogo entre a criação e o espectador.

toral, mesmo partindo de uma referência comum.

Não podemos perder de vista que a presença das linguagens artísticas no cotidiano da Educação Infantil não tem a pretensão de formar artistas, e sim de ampliar a compreensão de mundo e as capacidades expressivas, dentro de uma diversidade de linguagens.



# Práticas comentadas

## Repertoriando para criar

**MARIA DA VITÓRIA FERREIRA** PROFESSORA

ESCOLA MUNICIPAL GETSÊMANE, CRIANÇAS DE 5 ANOS,  
FEIRA DE SANTANA · BA



Dentre as experiências desenvolvidas no eixo *Assim se Faz Arte*, na primeira edição do Paralapraca, uma em especial se destacou. Ela tinha como proposta inicial fazer a releitura de uma obra de Monet, *A Ponte Japonesa*, tendo como objetivos específicos:

- a percepção das cores como estratégia para criar contrastes;
- reconhecimento de diferentes formas de representação de um objeto;
- exposição de ideias e impressões a partir da apreciação de uma obra de arte;
- identificação, valorização e respeito à diversidade das produções individuais.<sup>1</sup>



1 As experiências plásticas, bem como as referentes a outras linguagens, precisam ser previamente planejadas para que possamos dar às crianças novas possibilidades exploratórias e expressivas. Nesse sentido, nós, educadores, precisamos fomentar ações que envolvam pesquisa e reflexão sobre cada aprendizagem. Um exemplo refere-se às aprendizagens sobre as cores, que trazem inúmeros recursos exploratórios: a apreciação através das imagens, a mistura, a produção, a relação entre as cores e o campo simbólico/expressivo.



Tudo teve início com a apresentação da reprodução da obra a partir de questionamentos:

- O que vocês estão vendo?
- O que sentem ao observá-la (amor, raiva, paz, sossego, medo, mistério...)?
- O que aparece no centro?
- O que o artista pensou em representar?
- Como são as flores e as plantas? Todas são iguais? O que há de diferente entre elas?
- E as cores dão a sensação de quente ou de frio?
- Quais as cores que mais aparecem?
- O artista utilizou mais cores claras ou escuras?<sup>2</sup>

A cada resposta das crianças uma nova intervenção era feita. Com isso buscamos provocar o reconhecimento dos recursos utilizados pelo artista para compor a obra.

Em seguida propus às crianças que reproduzissem, utilizando o lápis, o que mais lhes chamou a atenção na obra — a ponte no centro da imagem.<sup>3</sup> A princípio, elas se mostraram resistentes ao desenho da mesma, mostrei no quadro branco como poderíamos representá-la.<sup>4</sup>

Durante a exploração da técnica da pintura, utilizando como referência a mesma imagem<sup>5</sup>, discutimos a forma de usar o pincel para que a pintura se aproximasse do estilo do artista, já que não havia traços tão delimitados.

A experiência transcorria tranquilamente quando, ao esquecer de lavar o pincel antes de mudar de cor, algumas crianças começaram a per-

---

 2 A leitura de obras de arte envolve questionamento, a busca, a descoberta e o despertar da capacidade crítica dos alunos. As interpretações oriundas desse processo de leitura, relacionando sujeito/obra/contexto, não são passíveis da redução certo/errado. Podem ser julgadas por critérios tais como: pertinência, coerência, possibilidade, esclarecimento, abrangência, inclusividade, entre outros.

RIZZI, 2002, P. 67

---

 3 Realizar uma mediação que apoie as crianças no seu processo de diálogo e apreciação com uma obra de arte, respeitando sua autoria e as características de uma apreciação, que deve ser fluida e livre, é um dos maiores desafios do professor. Por isso, essa atividade precisa sempre ser feita com muito cuidado. Tornar as crianças protagonistas da ação se dá justamente no ato de construir caminhos com elas e não por elas.

---

 4 Imitar não implica necessariamente ausência de originalidade e de criatividade, mas o desejo de incorporar objetos que lhe suscitam interesse. O ato de copiar, diferentemente, carrega um significado opressor, censor, controlador. Poderíamos dizer que a necessidade de copiar igualzinho revela um distanciamento de si mesmo. Cópia não inclui e não autoriza a criança a ser autora da ação.

DERDYK, 2010, P. 105

---

 5 As imagens são elementos importantes para as experiências plásticas. Que tal organizar um arquivo visual na sala, para que as crianças possam recorrer sempre que possível? Esse arquivo poderá ter imagens artísticas ou não, relacionadas a um mesmo tema.

---



PAULO LEITE





ceber que na mistura das cores, novas cores e novos tons se formaram.

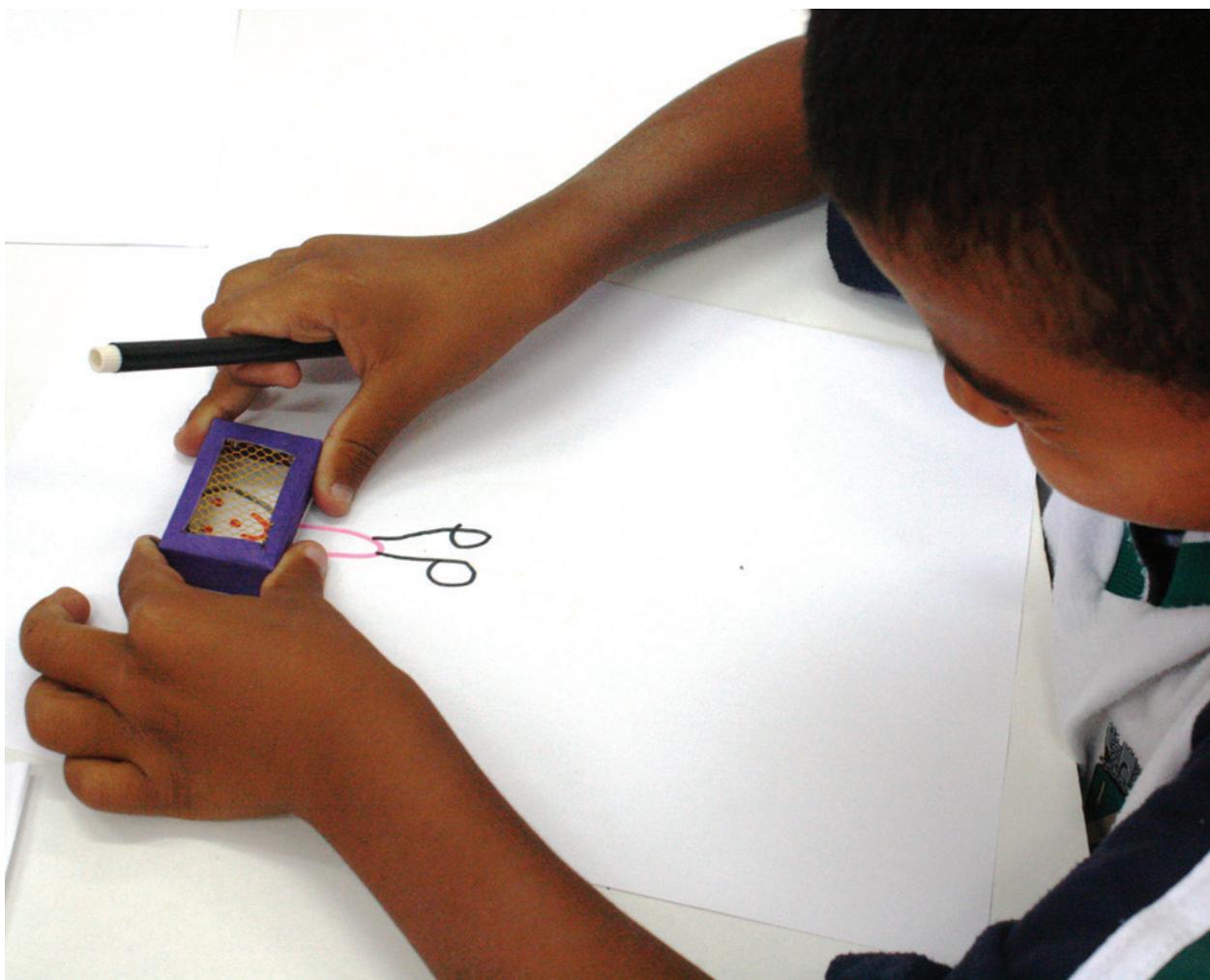
A partir daí, não se preocuparam mais em manter uma releitura fiel da obra, mas apenas em aproveitar o momento experimental com as tintas. Um momento de prazer e brincadeira<sup>6</sup>. Acreditando ser esse um momento rico de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo, deixei a experiência transcorrer sem mediações ou cobranças.

Ao socializar a experiência vivida, o prazer de misturar e a descoberta de novas cores de forma mágica foram os aspectos relevantes destacados por todos.



6 As crianças têm um prazer muito grande em manusear e transformar materiais. Encontram-se sempre em estado de alegre disponibilidade para investigar o que cada material pode oferecer para seu fazer, procurando o êxito e a satisfação em suas experimentações, constituindo um saber que é também um sonhar.

RICHTER, 2005, P. 62



ACERVO PAPALA PRACA

# Artista da terra

**FRANCIELIA MAMEDE LEITE** GESTORA

CRECHE AMENAÍDE SANTOS, CRIANÇAS DE 2 A 5 ANOS, CAMPINA GRANDE · PB



Durante um dos encontros de formação do Paralapraca, entramos em contato com a proposta de abordar obras de artistas famosos. Essas seriam apresentadas às crianças para que, a partir dessas referências, pudessem vivenciar processos criativos, culminando em uma exposição dos trabalhos em conjunto com outras creches da rede municipal<sup>7</sup>.

Nessa mesma formação foi lançada, também, outra proposta: pesquisarmos as obras de um artista que faz parte da nossa comunidade<sup>8</sup>. Esse artista seria o nosso colega de trabalho que está sempre presente na creche, como também na rotina das crianças. Além de conhecermos o talento do nosso artista, é gratificante realizarmos experiências plásticas quando as crianças também o conhecem e o admiram<sup>9</sup>.

Por fazer parte do nosso cotidiano, fomos descobrindo suas habilidades artísticas, e toda a equipe passou a desfrutar das suas produções, como pintura no mural da creche (contos da literatura infantil), trabalhos artesanais (dobraduras, cestas) e pinturas em telas. O que mais nos chamou a atenção foi o fato de ele utilizar materiais reciclados. A proposta foi aceita e aplaudida por toda a equipe. Como o projeto foi vivenciado por todas as turmas, cada professora planejou o início da experiência de forma diferenciada: entrevista com o artista, roda de conversas, uso de livros

 **7** É necessário começar a educar o olhar da criança desde a Educação Infantil, possibilitando atividades de leitura de imagens para que, além do fascínio das cores, das formas, dos ritmos, ela possa compreender o modo como a gramática visual se estrutura e pensar criticamente sobre as imagens. PILLAR, 2002, P. 81

 **8** O que faz de uma pessoa um artista? Que saberes e fazeres caracterizam a prática artística? Será que o artista é um “sujeito especial”? Estas são questões interessantes para reflexão coletiva, seja em momentos formativos ou junto aos grupos de crianças.

 **9** A produção artística revela os aspectos culturais de uma localidade. Trazer imagens de artistas locais para apreciação dentro de um espaço escolar é favorecer o conhecimento das crianças, a partir da valorização da produção cultural do seu meio. A experiência do registro nos mostra como a aproximação entre as crianças e o artista foi uma experiência de aprendizagem significativa, pois os pequenos perceberam que o objeto artístico e o seu criador são palpáveis, possíveis de integração, sem barreiras.



de literatura infantil ou músicas<sup>10</sup>. Porém todas as professoras compartilharam a informação de que apresentaríamos um artista talentoso, que todos conheceriam suas obras de arte, conversariam com ele, para saber tudo a seu respeito e do seu trabalho.

No segundo dia do desenvolvimento do projeto, realizamos uma atividade coletiva no pátio com todas as crianças e a comunidade escolar, apresentando o artista e suas obras. Foi desvendado o mistério: o nosso artista convidado era o vigia da creche, o Senhor Berto.

Esse encontro foi importante, pois todos puderam conversar com ele, saber sobre as suas criações. Após

 **10** Promover rodas de conversas, compartilhando a seleção da temática, bem como a construção coletiva do processo que será vivido por todos, enriquece a experiência contextualizando-a. Levar a nossa intenção às crianças é possibilitar a elas parte da autoria nessa construção coletiva. A partir desses momentos discursivos as crianças exercitam a autonomia relacionada à criação, questionam, sugerem, buscam caminhos interessantes para o seu processo criador, pessoal ou coletivo.



LENA BEZERRA



esse contato inicial, no mesmo dia, foi proposto para algumas turmas o primeiro desafio, a primeira experiência plástica. Explorando a técnica “pingue e dobre com um amigo”, do *Livro dos Arteiros* (2002), realizamos uma experiência em que todos ficaram encantados com os resultados.

O próximo passo foi convidarmos o nosso artista para realizar uma pintura diante da turma. À medida que as cores e formas iam surgindo, todos ficavam curiosos e deslumbrados, compartilhavam as suas hipóteses sobre o que iria surgir a cada pincelada dada, perguntavam sobre as cores que estavam sendo usadas e Seu Berto deu uma aula para satisfazer a curiosidade das crianças<sup>11</sup>.

Na sequência das experiências, foram colocados à disposição das crianças papel, tintas e pincéis, para que realizassem, a princípio, desenho livre e, em seguida, a releitura de algumas obras do nosso artista. Vale lembrar que cada criança fez a sua seleção particular.

Na releitura da obra, pudemos observar que as crianças seguiram os passos do artista<sup>12</sup>, primeiro desenhando com lápis grafite e pintando posteriormente com tinta, e depois discutindo, durante o processo, sobre as cores utilizadas na obra original. Ao final dessa experiência artística, percebemos o cuidado com que cada criança retratou a pintura, cuidando para que os pequenos detalhes não fossem esquecidos.

Na exposição dos trabalhos das creches, apresentamos o projeto *Nosso vigia é um artista* e nos surpreendemos, pois o artista, referência para as nossas experiências, fazia parte da nossa comunidade escolar e, pelo fato de o mesmo estar presente, compartilhando o seu processo criador.<sup>13</sup>

---

 **11** Experiências plásticas planejadas em uma sequência de ações (apreciar/questionar, produzir) trazem a percepção da vivência de um processo criador. Nele, cada ação tem a sua importância para que possamos transformar ideias e intenções em objetos artísticos.

---

 **12** A Apreciação de Imagem é uma ação importante para a aproximação das crianças com o objeto plástico. Ao entrar em contato com essas referências visuais, participamos do universo criador do artista, onde percebemos diferentes caminhos percorridos por ele para realizar a sua criação. Assim sendo, a leitura de imagem abre um espaço para o diálogo, e por meio de um texto visual o espectador aproxima-se das ideias, percepções e histórias mostradas pelo artista que podem enriquecer a leitura de mundo.

---

 **13** Possibilitar o encontro entre o artista e as crianças é muito positivo, pois a partir dessa aproximação elas poderão perceber esse autor como um sujeito conectado com a sua realidade, que a partir das suas criações comunica ideias e intenções, quebrando assim o estereótipo do sujeito inacessível, etéreo, distante do mundo real.

---

## A biografia do artista



Berto Carneiro dos Santos nasceu na cidade de Campina Grande - PB e é funcionário público. Sua infância foi simples e feliz. Nessa época, vivia rabiscando os muros com pedaços de carvão, desenhando tudo o que lhe vinha pela mente. Já com grafite passou a desenhar figuras humanas, inclusive fez o seu autorretrato. Não teve muita oportunidade para estudar, contudo não desistiu do seu sonho. Em 2003, concluiu o Ensino Médio.

Mas foi a partir de 2000 e 2001 que seu dom realmente despertou e ele se interessou por pintura a óleo, fazendo um curso oferecido pela prefeitura, tendo como professor o artista plástico e também artesão José Pascoal, que foi quem, mesmo por pouco tempo, lhe ensinou muito da arte. Daí para a aprovação e admiração do público à sua obra foi muito rápido, pois o artista retrata a natureza com perfeição. Seu primeiro quadro foi o *Cristo Redentor* e algumas de suas obras foram vendidas e outras presenteadas.

Sua primeira exposição foi na Creche Amenaíde ao participar de uma gincana. Pintar para ele é um hobby que o deixa muito alegre. Seu Berto, além de artista plástico, é desenhista, compositor, pintor e cantor.

Ao escrever a biografia do Sr. Berto, a equipe da instituição deu a ele o reconhecimento da sua contribuição para o campo das artes visuais naquela comunidade. Além disso, ofereceu às crianças a possibilidade de compreender como as histórias de vida dos artistas compõem suas narrativas biográficas. Esta é uma forma importante de destacar o artista e sua obra. No caso da cultura comunitária, que em geral é pouco reconhecida, a escola cumpriu uma função essencial de valorizá-la. O *Estação Paralapraca: menu de paisagens culturais* traz referências regionais que estiveram presentes no cotidiano das instituições dos cinco municípios que implementaram o Paralapraca entre 2010 e 2012. São artistas visuais, músicas e músicos, brincadeiras, paisagens sonoras, festivas, causos, estórias, entre outros.

A ideia é que este acervo comunitário faça parte do currículo da Educação Infantil e que seja reconhecido como saber importante a ser compartilhado com



as crianças e suas famílias. Afinal, a constituição da identidade das crianças passa por este tipo de reconhecimento da cultura do seu entorno e da cultura regional, não é mesmo?

## Lá

- BUORO, Anamelia Bueno. *Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2002.
- COSTA, Cristina. *Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico — 2ª ed. reform.*, São Paulo: Moderna, 2004.
- DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. 4ª ed. rev. ampl. Porto Alegre: Zouk, 2010.
- GARDINI, Lella et al.; tradução: Ronaldo Cataldo Costa. *O papel do ateliê na educação infantil*, Porto Alegre: Penso, 2012.
- GOMES, Paola Basso M.B. *Os materiais artísticos na Educação Infantil*. In CRAIDY, Carmem e KAERCHER, Gládis E. *Educação infantil: pra que te quero*. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 109 a 121.
- KOHL, Maryann F. *O livro dos arteiros: arte grande e suja!* Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PERAZZO, Luiz Fernando; VALENÇA, Máslova T. *Elementos da forma*, Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2006.
- RICHTER, Sandra. *Criança e pintura: ação e paixão de conhecer*. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- RIZZI, Maria Cristina de Souza. *Caminhos Metodológicos*. In BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.
- PILLAR, Analice Dutra. *A educação do olhar no ensino da arte*. In BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.
- PILLAR, Analice Dultra. *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- RICHTER, Ivone Mendes. *Multiculturalidade e interdisciplinaridade*. In BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SAWAIA, Bader B. *Fome de felicidade e liberdade*. In: *Muitos Lugares para Aprender*. CENPEC — Centro de Estudos e Pesquisas em Educa-

ção, Cultura e Ação Comunitária. São Paulo, CENPEC / Fundação Itaú Social / Unicef, 2003, p. 53-63.

- <<http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2011/01/j-borges.html>>. Acesso em: 20 de setembro de 2012
- <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/oficinas/arte/index.html>>. Acesso em: 15 de setembro de 2012





DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Brito, Ana Luíza Lopes *Caderno de experiências: assim se faz arte* / [autoria Ana Luíza Lopes Brito ; curadoria Avante – Educação e Mobilização Social, Instituto C&A]. -- 2. ed. -- Salvador, BA : Avante – Educação e Mobilização Social, 2018. -- (Coleção Paralapracá)

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-60828-20-3

ISBN 978-85-60828-13-5 (coleção)

1. Coordenadores pedagógicos 2. Educação infantil 3. Educadores - Formação 4. Formação continuada 5. Paralapracá I. Avante – Educação e Mobilização Social. II. Instituto C&A. III. Título. IV. Série.

18-13594

CDD-372.21

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação infantil 372.21

Esta publicação foi escrita por muitas mãos! As mãos de quem viveu ou testemunhou as experiências: professores/as, coordenadores/as e gestores/as das instituições de Educação Infantil parceiras do Paralapracá. As mãos e o olhar cuidadoso de estudiosos da Educação Infantil que realizaram o diálogo teórico e contribuíram com elementos reflexivos. As mãos laboriosas das assessoras e supervisoras do Paralapracá que contribuíram de forma especial para a coleta dos registros. As mãos de diferentes colaboradores que se debruçaram sobre os registros e os organizaram, mantendo a riqueza das experiências e articulando-os para melhor apreciação. A todos, o nosso reconhecimento, respeito e admiração!



